

## Relatório dos membros do CNG à XIX Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, realizada em 1964 na cidade de Poços de Caldas

A XIX Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros, realizada na cidade de Poços de Caldas (Minas Gerais) em julho de 1964, foi instalada oficialmente às 21 horas do dia 4 de julho. Na sala de conferências do Teatro Municipal daquela cidade o presidente da Associação abriu os trabalhos da sessão solene de instalação, compondo a mesa para qual convidou autoridades locais e o Prof. ODILON NOGUEIRA DE MATOS que iria fazer a saudação oficial aos membros da Assembléia.

Durante esta solenidade usaram da palavra o vice-prefeito da cidade que deu as boas vindas aos geógrafos e estudantes de Geografia de todo o Brasil que ali estavam reunidos para diversos estudos, entre os quais os específicos ao Planalto de Poços de Caldas. Salientou a satisfação e a honra que a cidade sentia ao acolher tão ilustres representantes da ciência geográfica no Brasil. O Prof. ODILON NOGUEIRA DE MATOS fez um retrospecto histórico das Assembléias da AGB, mostrando as finalidades e a importância que tais conclaves tinham para o conhecimento do país.

Finalizando o presidente agradeceu a acolhida das autoridades e povo de Poços de Caldas e convidou os presentes para um coquetel comemorativo ao 30.º aniversário de fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

No dia 5, às 10 horas, foi realizada a sessão preparatória dos trabalhos da Assembléia. Lida a programação geral foi feita a chamada dos componentes das diversas equipes para as pesquisas de campo. Foi também apresentado o relatório da XVIII Assembléia Geral realizada em Jequié em 1963.

As 14 horas, as diversas equipes, separadamente, se reuniram para planejar as pesquisas de campo.

A 16 horas, foi instalada a 1.ª sessão cultural durante a qual foram apresentadas as seguintes comunicações orais:

Prof. KEMPTON WEBB, da Columbia University que apresentou um trabalho sobre "Evolução recente da paisagem do Nordeste". O autor, baseado em fotografias aéreas, inquéritos e fontes históricas, mostrou a evolução das paisagens no Nordeste assinalando a influência dos fatores culturais sobre o meio físico. Assinalou que os elementos culturais foram mais importantes que os físicos na caracterização da paisagem. Mostrou como a mudança de mentalidade do homem contribuiu para a transformação da paisagem.

A segunda comunicação foi feita pelo geógrafo francês ora em visita ao Brasil, ALFRED ZINCK, intitulada "O processo da contabilidade no meio rural". Explicou em que consistia o método de contabilidade rural, como realizá-lo e como poderia ser aplicado para avaliar os índices de rentabilidade e que esses eram reflexos dos sistemas agrícolas empregados sob técnica evoluída ou rotineira.

O associado JOAQUIM JÚLIO DE OLIVEIRA do estado da Bahia falou sobre "Grandes correntes de tráfego na Bahia". Relatou o método empregado que consistiu em observações diretas do fluxo de caminhões em circulação na rodovia Rio-Bahia, apoiando-se também em dados estatísticos. Por uma amostragem de fluxo de transportes chegou a diversas conclusões sobre a circulação entre o Sudeste e o Nordeste do Brasil, mostrando a importância da BR-4 para a Bahia.

Tôdas as comunicações foram debatidas, diversas perguntas foram feitas pelos presentes e esclarecimentos prestados pelos autores. Fizeram uso da palavra entre outros os seguintes associados: LYSIA MARIA CAVALCANTI

BERNARDES, ORLANDO VALVERDE, PEDRO PINCHAS GEIGER, JOSÉ ARAÚJO FILHO, FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA, ROBERTO LOBATO AZEVEDO CORREIA e ROSA ROSSINI.

A noite foi realizada a 2.<sup>a</sup> sessão cultural, durante a qual foram apresentadas as seguintes comunicações orais:

Prof. MILTON SANTOS da Bahia — por intermédio de SÍLVIA BANDEIRA DE MELO — expôs sobre “A medida da hierarquia das cidades dos países subdesenvolvidos”, dizendo que nestas regiões os núcleos não têm força para transmitir dinamismo às suas regiões, que os estímulos vêm de fora, beneficiando a cidade e não a região. Disse, por fim, que o critério de medir os serviços pode dar uma idéia da hierarquia dessas cidades.

Os professores JOÃO JOSÉ BIGARELLA e GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE, do Paraná e de Pernambuco respectivamente, expuseram o tema sobre problemas geomorfológicos da área dos tabuleiros terciários, tabuleiros êsses conhecidos como barreiras. Os autores propõem diversos níveis de erosão, os quais foram elaborados em condições semi-áridas.

Por fim, o Prof. ARMEM MAMIGONIAN, de Santa Catarina, expôs sobre “A Metodologia da Geografia Industrial” na qual considerou as etapas de estudo de um centro industrial. Estas etapas seriam fundamentalmente três: o processo de industrialização, o estudo geográfico-econômico das indústrias e o quadro espacial. Por fim, deve-se definir o centro industrial pela sua gênese em relação à indústria.

Estas comunicações da 2.<sup>a</sup> sessão cultural foram amplamente debatidas pelos presentes com perguntas e esclarecimentos por parte dos autores. Fizem uso da palavra entre outros, os seguintes associados: JOSÉ ARAÚJO FILHO, ALFRED ZINCK, PEDRO PINCHAS GEIGER, FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA, AMÉLIA ALBA NOGUEIRA, ORLANDO VALVERDE, GIL SODERO, LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES.

No dia 6, às 9 horas, realizou-se a 3.<sup>a</sup> sessão cultural. Aberta a reunião o presidente da Assembléia passou a direção da sessão ao Prof. DIRCEU LINO

DE MATOS que iria presidir a realização do simpósio sobre o uso da terra. Iniciando os trabalhos explicou o presidente do simpósio a importância do temário, tendo em vista, sobretudo, os problemas da nomenclatura utilizada em Geografia Agrária, já que sendo um ramo novo de Geografia Econômica ainda não há uma terminologia geral e uniforme utilizada pelos pesquisadores.

Apresentaram depois suas comunicações os seguintes geógrafos, anteriormente convidados:

ORLANDO VALVERDE que apresentou um trabalho acabado de elaborar para um *Atlas Mundial de Agricultura*, organizado pela Universidade de Pádua (Itália). Ele, com a colaboração de outros especialistas brasileiros, fizera o mapa de uso da terra para o Brasil. Explicou a importância do mapeamento para a Geografia Agrária e que o mapa que agora apresentava, mostrava como é diversificada a utilização da terra no país, reflexo das variedades pedológicas, climáticas e culturais encontradas nas diferentes áreas do Brasil. A escala do mapa não permitia a obtenção de pormenores mas era uma contribuição aos estudos agrários do país, pois, apesar de não ter sido percorrido todo o território nacional, utilizando fotografias aéreas e dados estatísticos, toda a área povoada do Brasil fôra aí representada.

Em seguida o Prof. DIRCEU LINO DE MATOS apresentou o resultado de suas pesquisas na área da Alta Mojiana. Mostrou as relações existentes entre a utilização da terra e a estrutura agrária da região, focalizando as condicionantes exercidas nessa ocupação pelo solo, clima e morfologia. Especificou problemas encontrados na utilização da terra dessa área paulista e o que se pode fazer para saná-las.

A Prof.<sup>a</sup> ELZA COELHO KELLER contribuiu apresentando seu plano de pesquisas agrárias, ora iniciadas pela Universidade de Rio Claro em um trecho da Depressão Periférica Paulista. Esclareceu o objetivo do trabalho que é levantar, em pormenores, o fato agrário da área. O método do trabalho constará de pesquisas de campo, mapeamento através de restituição de

fotografias aéreas, pesquisas de gabinete, no que se refere à evolução da paisagem regional. Quanto à nomenclatura utilizada para a classificação dos tipos de cultivo, seguirá a estabelecida pela FAO, pois tem caráter internacional. Apresentou, igualmente, o formulário do tipo de inquérito que será feito nas propriedades rurais.

Finda essa comunicação abriram-se os debates fazendo uso da palavra os geógrafos JOSÉ DE ARAÚJO FILHO, LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES, PEDRO PINCHAS GEIGER, MARIA TERESINHA DE SEGADAS SOARES.

Às 14 horas iniciou-se a quarta sessão cultural ocupada com o prosseguimento do simpósio. Foram, nessa reunião, apresentadas as seguintes comunicações:

"A utilização da terra em duas serras nordestinas: Triunfo e Pereiro" de autoria de ALOÍSIO CAPDEVILLE DUARTE em colaboração com HAIDINE DA SILVA BARROS. O expositor chamou a atenção para que nem tôdas as áreas serranas insuladas no sertão nordestino apresentam-se como áreas agrícolas de mesma importância. Uma são mais utilizadas, com cultivos típicos de brejo, concentrando forte densidade demográfica, são as serras úmidas. Outras nada mais são do que um sertão melhorado; por isso intitularam-nas de serras secas. Mostram a importância dessas "ilhas agrícolas" para o sertão nordestino e os problemas nela encontrados. A terminologia empregada pelos autores mostrou a necessidade de se estudar com maiores minúcias a agricultura no país.

A segunda comunicação foi feita pelo Prof. ANTÔNIO PENTEADO que falou sobre "A utilização da terra na Zona Bragantina". Foram focalizados diversos aspectos interessantes entre os quais a maneira como se processou a ocupação da área e sua colonização. Mostrou as etapas de utilização do solo e sua situação atual com justaposição de formas econômicas diferentes e objetivas diversas. Terminando focalizam os problemas da Zona Bragantina, correlacionados com a reforma agrária tão necessária e tão deturpada entre os que desconhecem a realidade brasileira.

A última contribuição ao simpósio foi feita pelo pedólogo GILDO RANZANE que desenvolveu o tema: "Problemas de solos em São Paulo". O expositor mostrou como os estudos pedológicos no Brasil, apesar da extensa bibliografia existente, são deficitários. Analisou o solo como organismo vivo e como tal com certas peculiaridades, muitas vezes esquecidas. Esclareceu o que se tem feito recentemente para se estudarem os solos cientificamente e com objetivo certo que é sua conservação. Apresentou, finalmente, uma classificação de solos para São Paulo e o mapa já elaborado.

Durante os debates que tiveram a duração de 40 minutos, os geógrafos: AMÉLIA NOGUEIRA MOREIRA, ORLANDO VALVERDE, ANTÔNIO VISEU, ROBERTO LOBATO AZEVEDO CORREIA, PEDRO PINCHAS GEIGER, LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES, fizeram perguntas aos expositores que esclareceram prontamente.

O presidente do simpósio, finalizando, fez um retrospecto das comunicações apresentadas, tirando as conclusões preliminares tendo em vista o temário. Assim focalizou a necessidade de se elaborar uma terminologia uniforme, ampliar e intensificar os estudos agrários no Brasil, já que, com a população que possuímos, a agricultura é uma das formas de atividade econômica mais importantes. Agradeceu a colaboração dos expositores convidados, encerrando a sessão.

Às 20,30 horas o Prof. FRANCISCO JOSÉ CAMARGO iniciou a 4.ª sessão cultural na qual foi apresentada a tese enviada à Assembléia de autoria de JEUGEN LAGEMBUCH (Rio Claro, São Paulo), sobre: "A rede urbana de São Paulo através da circulação de ônibus interurbanos".

O autor relaciona a hierarquia das cidades paulistas tendo em vista a densidade dos transportes ferroviários e, sobretudo rodoviário. Inicialmente é exposto o método de trabalho e após o autor fala sobre a rede urbana propriamente dita, em que se destacam centros de Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, São José do Rio Preto, Marília e Presidente Prudente. Este trabalho suscitou debates interessantes, participando diversos associados como os

Prof. TERESINHA SOARES, LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES, ROBERTO LOBATO A. CORREIA e outros.

A seguir duas comunicações orais fizeram parte da sessão cultural. A primeira da Prof.<sup>a</sup> ELINA O. SANTOS, de São Paulo, que estudou o clima de Santos, utilizando dados climáticos obtidos durante um período relativamente longo.

Por fim, a última comunicação versou sobre a hinterlândia de Aracaju, na qual o expositor, Prof. ROBERTO LOBATO A. CORREIA, do Rio de Janeiro, procurou mostrar as relações entre uma cidade relativamente grande do mundo subdesenvolvido com a sua região. O autor procurou definir Aracaju e classificá-la como "capital regional incompleta". A Prof.<sup>a</sup> TERESINHA SOARES levantou uma questão no fim da comunicação, questão que foi respondida pelo expositor.

Nos dias 7, 8 e 9 foram realizados os trabalhos de campo e nos dias 10 e 11 a elaboração dos relatórios preliminares. No dia 12, às 14 horas, realizou-se a 5.<sup>a</sup> sessão cultural quando foi apresentado o relatório preliminar da equipe n.º 1 encarregada do tema: "Problemas geomorfológicos do planalto de Poços de Caldas". Foi expositor o chefe da equipe, Prof. FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA.

Agradecendo a colaboração de todos os associados que fizeram parte do grupo, o expositor iniciou sua apresentação dizendo que a diretriz dos estudos tinha por objetivo levantar alguns problemas sobre a geomorfologia da região.

Localizou e descreveu o planalto de Poços de Caldas dando também sua evolução geológica desde o cretáceo, quando 2 formações geológicas existiam (Bauru e Aquidauana). Nessa época uma série de lavas eruptivas formou uma montanha vulcânica e a erosão destruiu o vulcão que até o princípio do terciário foi ativo. Houve depois um soerguimento da área arrasada, sendo a superfície trabalhada pela erosão.

Analizou depois os diques anelares construídos por tinguaitos que ocupam 4/5 da periferia do planalto. Igualmente chamou a atenção para as fra-

turas concêntricas e radicais existentes no planalto, nas quais várias vias estão adaptadas.

Chamou a atenção para o papel desempenhado pelo clima, o atual como os do passado na morfologia da área, pois o mesmo sofreu alterações no Quaternário.

Descreveu a rede de drenagem e passou a palavra ao Prof. ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES que falou sobre a geomorfologia e a ocupação do planalto. O Prof. DOMINGUES analisou a distribuição, mostrando o contraste entre o alto que é praticamente um vazio demográfico e a área periférica mais ocupada, graças à presença de solos mais ricos. A agricultura processa-se nos rebordos enquanto nos campos da alta superfície é o domínio de criatório extensivo. As linhas de fratura ocupadas pelos vales facilitaram o acesso ao planalto, e a presença de águas termais nessas linhas beneficiou a cidade onde a função de cura, tornou a cidade uma estância termal famosa.

Usou da palavra, durante o período destinado aos debates o Prof. ALFRED ZINCK mostrando a semelhança entre o planalto de Poços de Caldas e a estrutura vulcânica chamada escocesa.

Não havendo outro debatedor o presidente encerrou a sessão agradecendo a colaboração do chefe de equipe, cumprimentando-o pelo êxito das pesquisas.

As 20,30 horas, realizou-se a 6.<sup>a</sup> sessão cultural sendo apresentado o relatório do Prof. DIRCEU LINO DE MATOS encarregado da equipe n.º 3 que estudou "Paisagens rurais dos rebordos do planalto de Poços de Caldas".

Mostrou que o planalto é formado de rochas alcalinas onde os rios entalharam o rebordo, predominando no centro superfícies onduladas como solos senis, havendo, porém, solos rejuvenescidos nos rebordos.

A vegetação existente é a de *campo*, porém, a mata está invadindo o planalto através dos vales encaixados e dos grotões. No rebordo a vegetação primitiva seria a da mata, havendo também matas-galerias.

O clima do planalto é o tropical de altitude, havendo uns poucos dias durante o ano sujeito às geadas.

O povoamento é o do tipo disperso, com forma linear no vale de Laranjeiras, um dos vales que dissecam o planalto.

Esta região ficou durante muito tempo isolada, sem povoamento, cujo ponto de partida seria a cidade de Caldas. A 1.<sup>a</sup> sesmaria data da segunda década do século XIX e a primeira fora da ocupação foi voltada para a pecuária.

Posteriormente, depois de 1850 a agricultura foi introduzida, salientando-se a lavoura de café.

Podemos dividir o planalto e os rebordos em 4 áreas com modalidades diferentes de ocupação humana:

O *planalto* apresenta-se com uma ocupação humana rara, domínio das grandes propriedades conhecidas como *campo*. Nestes campos (térmo que significa ao mesmo tempo a propriedade e a vegetação de campo) o gado é criado temporariamente, no período das chuvas, vindo das regiões cristalinas que rodeiam o maciço alcalino de Poços de Caldas. Essa transumância é explicada pela necessidade de se fazer o plantio do pasto artificial — capim-gordura, que na época das chuvas é semeado. No período seco o gado é encontrado nas fazendas localizadas no cristalino.

Devido a esta estrutura do criatório cada fazendeiro possui duas propriedades, uma no cristalino e outra no planalto, o “campo” e onde se notam os “retiros”, lugares onde se tira leite das vacas.

Há 2 anos se instala no planalto a cultura da batata, tendo em vista preparar o terreno para receber o pasto plantado, de capim-gordura e sobretudo de pangola. Esta cultura é temporária, cedendo o fazendeiro parcelas de sua propriedade com a única obrigação de ser ela devolvida já pronta para receber o pasto artificial, isto é, com a sua acidez diminuída.

O *vale de Laranjeiras* é outra área, onde dominam as pequenas e médias propriedades. A densidade de ocupação humana é alta. A pecuária combina-se com a agricultura para dar à paisagem um ar diferente. Há pastagens que alimentam 5-6 cabeças de gado leiteiro,

cafézais na encosta e cultivos de batata nas partes mais baixas.

A cultura da batata nos vales data de 20 anos, sofrendo as flutuações do mercado. Ao contrário do que ocorre no planalto a produção de batata destina-se ao mercado de consumo direto, enquanto no planalto destina-se ao fornecimento de sementes muitas vezes estimulada pela Cooperativa de Cotia.

O *vale do Quartel* — A ocupação humana neste vale está ligada ao surto cafeeiro da segunda metade do século passado. A paisagem deixa ver grandes e médias propriedades com os clássicos “terreiros” e “colônias” mais ou menos decadentes. Os cafézais alinham-se pelas encostas íngremes, e de modo geral são velhos e poucos produtivos. No entanto há cafézais novos, plantados ainda de acôrdo com a linha de maior declive.

Próximo a Água da Prata, a paisagem se modifica. As propriedades são maiores, aparece a policultura comercial e pastagens com gado leiteiro. A cultura da batata é importante no conjunto, destinando-se a produção ao consumo direto dos grandes centros urbanos.

A *descida para Andradas* — É também a agricultura importante nos pequenos vales que dissecam o rebôrdo do planalto alcalino, na direção de Andradas. Os solos melhores, provenientes de sedimentos clásticos favoreceram maior densidade demográfica e maior ocupação do solo. As fazendas localizadas na encosta, médias e grandes, são mistas, dedicando-se ao cultivo de café e, mais recentemente à criação de gado leiteiro. Há uma diferenciação grande entre as diversas atividades e a topografia. Enquanto as encostas de solos rejuvenescidos são ocupados com cafézais, os fundos dos vales são ocupados pelo *habitat*, pelas pastagens artificiais, pelas lavouras de subsistência e pela cana forrageira.

Algumas parcelas com eucaliptos e outras com vinhedos indicam a força de indústrias localizadas fora da região (Moji-Guaçu) e o limite de uma área vinicultora que se estende pelas regiões cristalinas.

Esta parte do rebôrdo se relaciona ao tôpo do planalto pela transumância

do gado. Cada proprietário nesta área possui uma outra propriedade no "campo" para onde é levado o gado.

Por fim, entre Pocinhos e Andradadas, encontra-se uma área de transição entre o rebórdo e o planalto. Cafézais mais ou menos antigos, cultivos recentes de batata tendo em vista a produção de sementes e uma baixa densidade demográfica caracterizam esta parte.

Como conclusões, pode-se perguntar:

- 1) Será que a cultura da batata poderá modificar a paisagem do planalto?
- 2) Será compensada a agricultura no planalto, agricultura que exige muitos recursos? Não haveria outras áreas onde a produção seria mais barata?

Entre outros debateram os seguintes associados:

ELZA COELHO DE SOUZA KELLER, PEDRO PINCHAS GEIGER e GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE.

No dia 13 de julho realizou-se a 7.<sup>a</sup> sessão cultural com a finalidade de apresentarem-se comunicações orais. Estas foram em número de quatro, tendo tôdas elas suscitado debates.

O Prof. WALNEY SARMENTO, da Bahia, expôs sobre "As indústrias da Bahia através do censo de 1960", trabalho êsse dividido em quatro partes: Descrição dos dados censitários, Problemas de localizações, Gerais e Perspectivas. O autor salienta a fraqueza industrial da Bahia, na qual se salienta a indústria alimentar e predomina a pequena empresa. Por fim fala sobre as atividades industriais que poderão iniciar uma nova era para a Bahia, atividades essas decorrentes da exploração do petróleo.

O Prof. ODAIR SILVA, de Santa Catarina apresentou uma comunicação sobre um subúrbio de Florianópolis, o subúrbio de Trindade. O autor explica a passagem do *habitat* rural para o *habitat* suburbano. Por fim o expositor fala sobre a população ativa do subúrbio, população muitas vezes subempregada que pertence à classe social pobre.

O Prof. CLODORICO MOREIRA, de Santa Catarina apresentou um trabalho sobre "Notas iniciais de um estudo das indústrias de Vitória, na qual ressalta que 35,6% dessas indústrias pertencem ao ramo alimentar, no qual distingue uma fábrica de chocolates. O autor descreve os outros ramos de indústria e a seguir passa a falar sobre o tipo de mercados da indústria de Vitória. Por fim o autor fala de influência de imigrantes na industrialização e nas iniciativas partidas de fontes externas ao centro.

A Prof.<sup>a</sup> PÉROLA EMÍLIA, de Rio Claro (SP) expôs um trabalho sobre a "Estrutura comercial de Rio Claro", trabalho êsse em que ela procurou verificar se os métodos empregados nos Estados Unidos e Austrália são aplicáveis no Brasil. Êsse método procura delimitar a estrutura comercial de uma cidade, mostrando o setor central de negócios, as ruas comerciais, os núcleos isolados e os estabelecimentos comerciais dispersos.

A autora fala da necessidade de pequenas modificações na delimitação e classificação das diversas partes de Rio Claro.

Estas comunicações foram amplamente debatidas, participando entre outros associados os seguintes: ORLANDO VALVERDE, PEDRO PINCHAS GEIGER, TERESINHA SOARES, ARMEN MAMIGONIAN, ALOÍCIO CAPDEVILLE DUARTE, ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

Dia 13-7-64 às 14,30 horas, iniciou-se a 8.<sup>a</sup> sessão cultural durante a qual foi apresentado o relatório da equipe n.º 2 versando sobre "Estado geográfico da indústria vinhateira", cujo chefe foi o geógrafo MANUEL CORREIA DE ANDRADE.

Em resumo foi dito:

A região compreendida entre Andradadas, Caldas, Santa Rita de Caldas e Santo Antônio do Jardim — êste último município em São Paulo — distingue-se pela indústria do vinho, apesar de não haver uma paisagem de vinhedos.

Andradadas produz 50% do vinho da região e Caldas cerca de 30%. Em 1962 a produção de vinhos foi da ordem de 7,5 milhões de litros e em 1964 um

pouco menor devido à retenção do mercado do Rio de Janeiro.

A indústria do vinho não marca a paisagem, há apenas galpões, sendo o maior o de Caldas ("Quinta de Caldas").

Há uma diferença entre os estabelecimentos e a procedência da matéria-prima. Os grandes estabelecimentos, com mais de 100 000 litros. Geralmente compram o vinho de fora e o engarrafam, os médios (entre 40 000 e 100 000 litros) têm uma pequena produção de uva) e os pequenos (menos de 40 000 litros) beneficiam a uva produzida por eles mesmos. Por outro lado é comum as pequenas adegas venderem o vinho às maiores (vendem em barris) e neste particular salienta-se o município de São Antônio do Jardim, onde o vinho é vendido em caminhões-tanques para Jundiá, onde é engarrafado.

As indústrias pertencem a sociedades com capitais de origem portuguesa. A proibição recente de importação de vinho influenciou decisivamente na vinda de parentes de produtores portugueses.

A lavoura de vinho ocupa os terrenos cristalinos.

A região foi ocupada por criadores de gado, e no fim do século XIX foi introduzido o café. Nesta época introduziu-se a vinha em Caldas, iniciada por portugueses para o consumo local. Posteriormente vieram os italianos, que incrementaram a cultura para a produção de vinhos licores. A importância das vinhas fez mesmo que Caldas se chamasse Parreiras (entre 1939-1948), épocas em que houve um grande surto da vinha devido à guerra e dificuldade de importação.

Por volta de 1960 industriais portugueses montavam indústrias que eram mais fortes que a capacidade de produção local, havendo necessidade de importar-se vinho do Rio Grande do Sul. A partir desta época foram utilizados também capitais de produtores nacionais.

A produção vinícola caracteriza-se por 3 fases; a de consumo local, regional e nacional.

Estas indústrias consomem muito pouca energia, sendo a lenha a maior fonte de energia. A maior parte da indústria é mesmo de *engarrafamento*.

A produção de uva tem diminuído, devido ao esgotamento dos solos e às pragas.

Jundiá recebe uva da região, da mesma maneira que vem uva de São Paulo para cá.

A paisagem da região é predominantemente posterior, havendo também cafêzais nas encostas. Os vinhedos ocupam as partes mais baixas, nunca subindo pelas encostas.

A estrutura fundiária apresenta uma dominância numérica de pequenos estabelecimentos, porém predominam em área os grandes estabelecimentos. No regime de exploração opõe-se o trabalho familiar com o trabalho assalariado.

A safra dura de 15 a 20 dias (entre 20 de janeiro e 15 de fevereiro), vindo gente de fora. Entre os pequenos é comum haver *adjutório*.

Em maio faz-se o plantio e o replantio, em agosto a poda, pulverização e a "amarração". Em outubro faz-se a "desbota" e a "desfolha". A indústria usa pouca mão-de-obra, havendo poucos técnicos, que são portugueses. Predomina a mão-de-obra feminina. Os pequenos produtores para terem maiores recursos plantam milho, feijão e criam porcos.

Há êxodo — em Andradas — para São Paulo. Não há financiamento bancário e o que encarece mais a produção é o engarrafamento.

Debateram os seguintes associados: ALOÍSIO C. DUARTE, ROBERTO LOBATO A. CORREIA, RENATO MENDES DA SILVEIRA, ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

Às 20,30 horas na 9.ª sessão cultural foi apresentado o relatório do Prof. JOSÉ DOMINGUES TIRICO sobre "Problemas e possibilidades econômicas de Poços de Caldas", resultado das pesquisas da equipe n.º 4.

O expositor começa o seu trabalho analisando o sítio e a localização do mesmo.

O povoamento da região, do planalto, é explicado em seguida, ressaltando que as primeiras penetrações do homem branco seria em função da busca do ouro. Depois vieram os pecuaristas, sendo a primeira sesmaria a do Barreiro que data de 1815.

Em 1822 é fundado o patrimônio; pouco depois já havia cerca de 100 casas de telhas e de "palha".

O expositor analisa então o crescimento da cidade até os dias atuais, dizendo que ela ocupa 3 níveis — o fundo da várzea, as encostas e o topo dos morros (esporões).

O expositor fala do papel da água na vida da cidade, seja na necessidade do saneamento dos brejos para o crescimento urbano, seja a influência das termas influenciando a função hoteleira e o aparecimento do serviço e da indústria "de turismo" (doces, *souvenirs*).

Mais tarde a indústria seria desenvolvida, aproveitando os recursos da região — bauxita, material radioativo, argila para refratários.

O expositor salienta que não são as águas termais que favorecem o turismo, mas a fama que a cidade tem como centro de veraneio. A cidade é também um centro de serviços especializados, vindo gente das redondezas e Poços de Caldas é um centro regional.

Nos debates participam entre outros, os associados, MARIA TERESINHA SEGADAS SOARES, SULAMITA MACHADO HÄMMERLI, ROBERTO LOBATO A. CORREIA, JOSÉ CEZAR DE MAGALHÃES, ARMEN MAMIGONIAN.

No dia 14, às 9 horas, realizou-se a sessão administrativa.

O presidente apresentou o relatório anual da diretoria em exercício, localizando as verbas concedidas por órgãos oficiais. Formulou um voto de louvor ao secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, tenente-coronel WALDIR DA COSTA GODOLPHIM pelo auxílio que

o IBGE vem dando à Associação dos Geógrafos Brasileiros e a promessa do aumento da verba que esse órgão pretende conceder à AGB.

Fêz os agradecimentos às autoridades de Poços de Caldas e aos membros da diretoria-geral da AGB.

Processou-se depois à eleição da nova diretoria para o período de 1964-1965 sendo eleitos: presidente: LÚCIO DE CASTRO SOARES; secretário: NICE LECOCQ MULLER; tesoureiro: BLAS BULANGA MARTINEZ; comissão consultiva PASQUALE PATRONE; diretor dos anais: DORA AMARANTE ROMARIZ.

Deu-se então a transmissão do cargo da presidência ao Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES, que agradeceu a confiança dada a sua pessoa para dirigir os destinos de tão conceituada agremiação, anunciando que durante sua gestão seria realizado na cidade do Rio de Janeiro o II Congresso Brasileiro de Geografia, para o que contava com a colaboração de todos os ibgeanos, já que tal realização necessitaria do apoio e trabalho de todos. Findas suas palavras, foi encerrada a sessão e convidados todos os presentes para o encerramento solene da Assembléia às 16 horas.

Na sessão solene de encerramento usaram da palavra os geógrafos ORLANDO VALVERDE que saudou a nova diretoria e apresentou cumprimentos de felicitações pelo êxito alcançado pela XIX Assembléia, e o Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES que tomando a direção para o novo período administrativo prometeu tudo fazer para o bem da AGB e pela realização do futuro congresso de geógrafos em 1965.

## Professor Victor Volsky

Em 18 de novembro do corrente, no auditório do IBGE, em reunião presidida pelo engenheiro RENÊ DE MATOS, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, teve lugar a conferência do professor VICTOR VOLSKY, da Universidade de Moscou, onde foram abordados os seguintes tópicos: 1) Perspectivas da explosão demográfica do mundo no ano 2 000; 2) O problema alimentar das populações das faixas tro-

picas — perspectivas do futuro; 3) Atlas Nacional da União Soviética e 4) Diretrizes da industrialização dos países subdesenvolvidos.

Aliás o professor VICTOR VOLSKY já é nosso conhecido, pois há cerca de dois anos esteve no Brasil, e convidado pelo CNG proferiu excelente exposição sobre o tema: "O desenvolvimento do ensino da Geografia na Universidade de Moscou".